JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA

(1965-)



Nascido em 1965 no município de Machico, na ilha da Madeira, José Tolentino Mendonça é uma figura incontornável na Igreja Católica como cardeal e teólogo. Igualmente notável na poesia portuguesa contemporânea, começa a sua carreira em 1990 com *Os Dias Contados*. Tolentino foi ainda professor em várias Universidades de Portugal e do Brasil. É hoje arquivista do Arquivo Apostólico do Vaticano e bibliotecário da Biblioteca Apostólica Vaticana.

Em *A Noite Abre meus Olhos*, obra que reúne os livros de poesia do autor, Tolentino escreve a Europa através da sua História, da sua cultura, e do dia-a-dia dos seus habitantes. Logo num dos primeiros poemas, "Scriptum" (2021: 15), adivinha-se como vão ser descritos os lugares europeus: "sem os nomear", a partir do mundano, da descrição do espaço ("Diz-me apenas / a altura das searas / perto do rio") e das dinâmicas quotidianas ("notícias / do homem que vende jornais / aí / em Via Rizzera").

A Itália, presente neste poema através da menção a uma avenida, é um importante tema na obra, a par da Grécia. Estes dois países surgem frequentemente através de referências a imperadores, batalhas, lugares da Antiguidade Clássica. Na obra de Tolentino, o nascimento da civilização europeia é quase sempre descrito através de uma perspetiva de falha e decadência. Os imperadores surgem no leito de morte, como em "Dias de Julho" (*idem*: 53), o Império perde batalhas, e lugares outrora prósperos estão agora em ruínas, como no poema "Pérgamo (Ruínas do hospital de Asclépios)" (*idem*: 55). Em "Khôra" (*idem*: 237), a pólis, berço da Europa, é vista de uma perspetiva longínqua (a partir do território já fora dos limites da cidade) e sem "nenhum sorriso". O sujeito poético confessa a falta de esperança quanto ao futuro do continente: este apenas é belo na ilusão do sonho. No poema "Pérgamo" (*idem*: 55), esta antiga cidade grega, poderosa e rica, é mencionada através das ruínas do seu hospital, da doença, do silêncio, do alheio e vago. A descrição do decadente confirma que a civilização antiga falhou em construir uma base sólida para o seu crescimento, como

se lê em “Summer wind”, em que os “lugar[es] perdido[s]” da Europa são os “filhos doentes” desta Antiguidade que decaiu:

por vezes agarrava no mapa da Islândia
ou de qualquer outro lugar perdido
e apertado a ele dançava
com a tristeza daquelas canções que
as mães dedicam aos filhos doentes
(*idem*: 43)

Esta enfermidade revela-se nos cidadãos que caminham perdidos, sós, deprimidos, alheios, na Europa contemporânea. A decadência da civilização é agora descrita pelo quotidiano dos vagueantes, vivendo uns na precariedade, outros em estados de tristeza assoladora, terminando relações, ponderando o suicídio, fugindo da guerra. Em “Café de la Gare, Austerlitz” (*idem*: 165), o sujeito poético avista diariamente uma mulher bela e desesperada, misteriosa, que passeia em silêncio na estação de comboios, e percebe que ela não tem intenção de embarcar ou esperar alguém, mas possivelmente contempla e/ou programa o suicídio, ato que talvez seja confirmado quando a mulher para de ser vista (“e nunca mais a encontrei”).

A migração é também um tema recorrente na descrição do espaço europeu. “Clandestinos” (*idem*: 185) menciona a precariedade de quem emigra, vivendo em “quarto[s] sub-alugado[s] da periferia” carenciada, e lendo apenas os jornais gratuitos. São pessoas de feições fantasmagóricas, que sentem uma solidão constante e se refugiam na fé. No poema “Foglio d’inverno” (*idem*: 71), o cidadão é também emigrante, mas desta vez instala-se clandestinamente em Itália, numa tentativa de fugir da guerra – aluga um “quarto / num hotel desconhecido”, sai à rua apenas à noite, não procura quem conhece, não fala com ninguém durante dias. A migração ilegal aparece novamente em “Levada do Castelejo” (*idem*: 135), descrevendo o desamparo de quem foge. A chegada a um novo lugar poderia ser sinónimo de esperança num recomeço, mas o eu lírico marca a sua descrença quanto ao reinício na vida dos refugiados, descrevendo-o como já “sec[o]”, “já no fim”, infrutífero.

Como se lê neste último poema, Portugal parece seguir a decadência europeia. Não sendo a ilha da Madeira promissora para os que imigram, em "Lisboa vista da lua" a capital portuguesa é igualmente frustrante, nunca tendo evoluído para uma verdadeira metrópole: "parece ainda uma dessas / províncias estendidas à luz" (*idem*: 442). Os seus habitantes são "passageiros", vivem sem raízes na cidade, ela própria composta de "fragmento[s]". Esta imagem da cidade despedaçada reforça o caráter infértil do país quando Lisboa é vista como um "aterro", lugar de abandono, de depósito do lixo, onde nada cresce. O poema "Caminho do Forte, Machico" (66) confirma novamente o caráter provinciano e triste do país, descrevendo-se o "retrato selvagem" de crianças a arrancarem pedaços de gelo para "comer[em] às dentadas", a presença dos pescadores que "apaga[m]" a dor ao cruzar as linhas, e das bordadeiras que sorriem apenas para as fotografias dos turistas.

A tristeza, a dor, o desespero são sentimentos que percorrem Portugal e a Europa. As relações interpessoais não duram, como "Uma casa em Machico" (*idem*: 164) ou "Duas cidades, Paris" (*idem*: 98) ilustram. O campo lexical do primeiro poema acentua a esterilidade e brevidade das relações amorosas nestes espaços, com verbos como "acabou", "separam", "perder-se", e o segundo poema com grupos nominais descritivos de um presente estéril e divergente: – "cidades diferentes", "último pôr do sol", "traição do acaso", "solidão inacessível", "ferocidade da natureza".

A obra apresenta ainda a visão de uma Europa profana, onde o religioso foi consumido por um mundo capitalista e vazio. Em certos casos, como no poema "Praça de Santo Domingo, Madrid" (*idem*: 178), o oco consegue engolir o que o sujeito poético toma como sagrado: "na primavera de 1569 / Santa Teresa pernoitou na praça / hoje só lá se passa / para os saldos de Madrid". Se neste último poema a profanação é lida negativamente, em "Retrato de Pasolini em Nova Yorque" (*idem*: 253) ela é aceite e apresenta-se como obrigatória perante a religião quando, por entre cartazes publicitários, se lê "a blasfémia / que a santidade tem de ser".

Esta "abolição das fronteiras", como escreve Teresa Bartolomei no posfácio a *A Noite Abre meus Olhos* (Bartolomei 2021: 519), está presente em toda a obra, no sentido em que

Tolentino Mendonça constrói a sua poesia sem separar "a natureza e o artifício, o animal e o humano, a santa e as prostitutas, as boas causas e as anedotas" (*ibidem*). Como se lê em "Grafito",

O poema pode conter:
[…]
Pode conter Lematin, Lemidi, Lesoir
[…]
Uma guerra civil
Um disco dos Smiths
(Mendonça 2021: 212)

Neste poema, são alusões culturais europeias (à língua francesa, à banda musical inglesa *The Smiths*, a que se acrescenta a epígrafe do filósofo francês Emmanuel Lévinas) que constroem mais uma perspetiva do continente. Outros poemas mencionam ou aludem à produção artística deste espaço, e desenham-no através da sua arte, entre filosofias, música, filmes, poesia. O poema "Brideshead Revisited" (20) parte do enredo do romance de Evelyn Waugh para se misturar com acontecimentos reais, mas também com um imaginário (estereotipado) da paisagem inglesa. O sujeito poético entrelaça, deste modo, os seus próprios sonhos e desejos com o romance em questão, que por sua vez alude à Europa histórica (através da menção à II Guerra Mundial e a cidades inglesas), construindo um imaginário do espaço descrito. O poema "Lourdes Castro, Rua da Olaria" menciona, por fim, a artista madeirense e a sua ilustração presente na capa da obra de Tolentino, denominada *Sombras à Volta de um Centro* (*Miosótis*), 1984, para confirmar novamente esta ausência de fronteiras que a poesia demanda:

A minha arte é uma espécie de pacto:
não distingo as áreas selvagens das cultivadas
e elas não distinguem a minha sombra
da minha luz
(*idem*: 236)

A Europa é assim retratada através da mistura entre a "sombra" e "luz" (236). Contudo, o resultado desta mescla parece ser de declínio e ruína, consequência do "infanticídio" do

continente, com um crescimento decadente e infértil da sua civilização. A contemporaneidade é descrita como um[a] "filh[a] doente", que vive num estado de desespero amoroso, solidão, condição precária, escondendo-se da guerra, acabando com a própria vida. Portugal não escapa deste cenário, sendo que o país nem teve oportunidade de chegar aos tempos modernos.

Lista de poemas sobre a Europa

"Scriptum", *Os Dias Contados* (1990)
"Brideshead Revisited", *Os Dias Contados* (1990)
"Dias de Julho", *Longe Não Sabia* (1997)
"Pérgamo (Ruínas do hospital de Asclépios)", *Longe Não Sabia* (1997)
"Caminho do Forte, Machico", *Longe Não Sabia* (1997)
"Foglio d'inverno", *Longe Não Sabia* (1997)
"Duas cidades, Paris", *Baldios* (1999)
"Levada do Castelejo", *Baldios* (1999)
"Uma casa em Machico", *De Igual Para Igual* (2001)
"Café de la Gare, Austerlitz", *De Igual Para Igual* (2001)
"Praça de Santo Domingo, Madrid", *Estrada Branca* (2005)
"Clandestinos", *Estrada Branca* (2005)
"Grafito", *O Viajante sem Sono* (2009)
"Lourdes Castro, Rua da Olaria", *O Viajante sem Sono* (2009)
"Khôra", *O Viajante sem Sono* (2009)
"Retrato de Pasolini em Nova Iorque", *Estação Central* (2012)
"Lisboa vista da lua", *Teoria da Fronteira* (2017)

Antologia breve

Dias de Julho
Uma tristeza espalhava-se a ocidente
nesse verão os melhores
dos seus homens perdiam-se
em inexplicáveis derivas

eram os últimos dias de Julho
altas fogueiras diziam a desolação
que grassaria pelos séculos
e Adriano nada fazia

carruagens paravam diante da sua porta
por entre gritos
mas do soberano nenhum gesto vinha

recolhida ave noturna
assim o seu coração
se ocultava do dia

in *A Noite Abre meus Olhos* (2021: 53)

Tristezza D'Estate
Um anjo toda a noite me seguiu
até que depositei perfumes e cinzas
junto à imagem de Adriano perpetuando
um austero rito dos helénicos

Partindo não sei que sortilégio me tomou
talvez a água do rio me reteve
talvez o entendimento de tão grande morte

prendeu-me o ânimo que sabeis vulnerável
às emboscadas do espírito

Sento-me agora aos pés do seu túmulo
cubro-me de flores aziagas de remorsos brandos
no rosto trago ainda o vento
dos véus funestos

in *A Noite Abre meus Olhos* (2021: 58)

Duas cidades, Madrid
Abandonavam lentamente a terra
mas ainda tremeluzia no canal uma claridade
e talvez esse sinal inocente fosse a razão
para aquele quarto alugado
onde com palavras que não lhes pertenciam
juravam, mais uma vez, a única maneira que tinham

mas tudo se tornara já
a música daquelas despedidas
que cada um dança sozinho
num ritual longo, inexprimível
o que melhor recorda as histórias desaparecidas

in *A Noite Abre meus Olhos* (2021: 109)

Praça do Comércio, Coimbra
Via-se: ele amava sem astúcias
alguma coisa de tudo o que viveu
uma sombra indefesa
as passagens resplandecentes e mesmo assim

quase em segredo
alguém que também nós
gostaríamos de ter amado

na praça de Coimbra
só pelo peso dos hábitos se tomava
aquele homem por mendigo

a beleza dessa tarde de Agosto
não lhe era alheia
nem poderia ser

in *A Noite Abre meus Olhos* (2021: 133)

Bibliografia ativa selecionada

Mendonça, José Tolentino (2021). *A Noite Abre meus Olhos*, Porto, Assírio e Alvim.

Bibliografia crítica selecionada

Bartolomei, Teresa (2021). Posfácio a *A Noite Abre meus Olhos*, Porto, Assírio e Alvim.

Marta Gonçalves

Como citar este verbete:

GONÇALVES, Marta (2022), “José Tolentino Mendonça”, in *A Europa face à Europa: poetas escrevem a Europa.* ISBN: 978-989-99999-1-6.

“ *JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA*